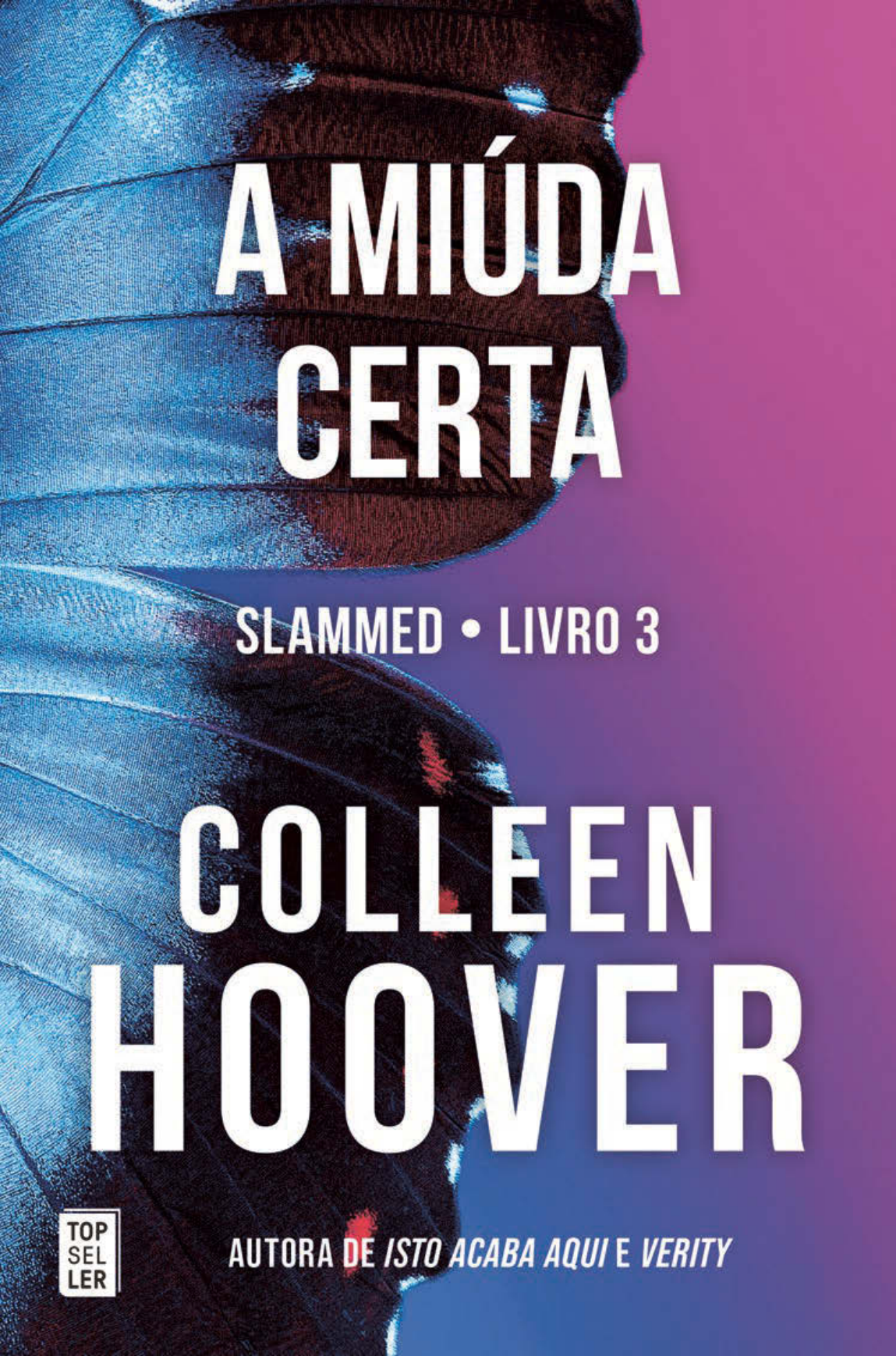




A MIÚDA CERTA

SLAMMED • LIVRO 3

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

Para a minha mãe.



1

A lua de mel

Se juntasse todos os poemas românticos, livros, músicas e filmes que já li, ouvi ou vi e deles extraísse os momentos mais arrebatadores, engarrafando-os de alguma forma, ainda assim não se comparariam a este momento.

Este momento é incomparável.

A Layken está deitada de lado, virada para mim, com o cotovelo apoiado debaixo da cabeça e a acariciar as costas da minha mão, que repousa entre nós na cama. Tem o cabelo espalhado pela almofada, caindo-lhe pelo ombro e pelo pescoço. Fita os próprios dedos enquanto estes se movem em círculos sobre a minha mão. Há dois anos que a conheço e nunca a vi tão feliz. Já não carrega sozinha o peso que tem sido a sua vida nos últimos dois anos, e isso é visível. É como se, no exato momento em que ontem dissemos «sim», todo o sofrimento e as dificuldades que enfrentámos, cada um à sua maneira, se tivessem fundido, tornando os nossos passados mais leves, mais fáceis de suportar. A partir de agora, poderei fazer isso por ela. Se surgirem novos fardos,

poderei carregá-los *por ela*. Foi tudo o que sempre quis fazer por esta miúda, desde o momento em que lhe pus os olhos em cima.

Ela ergue o olhar para mim e sorri, depois ri-se e esconde o rosto na almofada.

Inclino-me sobre ela e beijo-lhe o pescoço.

— O que é que tem tanta graça?

Ela levanta a cabeça da almofada, revelando as faces coradas de um vermelho profundo. Depois abana a cabeça e ri-se.

— Nós — responde. — Ainda só se passou um dia e já lhes perdi a conta.

Beijo-lhe a bochecha corada e rio-me.

— Acabaram-se as contagens, Lake. Já fiz todas as contagens decrescentes que poderia aguentar numa vida. — Envolver a pela cintura e puxo-a para cima de mim. Quando se inclina para me beijar, o seu cabelo cai entre nós. Estico o braço até à mesa de cabeceira, pego no elástico e prendo-lhe o cabelo num nó improvisado atrás da cabeça.

— Agora sim — murmuro, puxando-lhe o rosto para que encontre o meu. — Muito melhor.

Insistiu em trazer os roupões, mas ainda nem lhes tocámos. A sua blusa foleira continua no chão desde que a atirei para lá ontem à noite. Escusado será dizer que estão a ser, sem dúvida, as melhores vinte e quatro horas da minha vida.

Ela beija-me o maxilar e traça um caminho com os lábios até ao meu ouvido.

— Tens fome? — sussurra.

— Não de comida — respondo.

Ela afasta-se e sorri.

— Sabes que ainda temos mais vinte e quatro horas, não sabes? Se queres acompanhar-me, tens de repor as energias. Além disso, hoje nem sequer almoçámos. — Sai de cima de mim, abre a gaveta da mesa de cabeceira e tira o menu do serviço de quartos.

— Nada de hambúrgueres — aviso.

Ela revira os olhos e ri-se.

— Nunca vais esquecer isso, pois não?

Percorre o menu com o dedo, apontando depois para ele enquanto o segura no ar.

— E que tal bife Wellington? Sempre quis experimentar.

— Parece-me bem — digo, aproximando-me dela. A Lake pega no telefone e liga para o serviço de quartos. Enquanto fala com o atendimento, beijo-lhe as costas, de cima a baixo, forçando-a a conter o riso enquanto tenta manter-se séria durante a chamada. Assim que desliga, desliza para debaixo de mim e tapa-nos com os lençóis.

— Tens vinte minutos — sussurra. — Achas que consegues?

— Só preciso de dez.

O bife Wellington não desiludiu. Agora o nosso único problema é que estamos demasiado cheios e cansados para nos mexermos. Ligámos a televisão pela primeira vez desde que a levei ao colo para dentro do quarto, por isso acho que é seguro dizer que merecemos, no mínimo, uma pausa de duas horas.

Temos as pernas entrelaçadas e a cabeça dela repousa no meu peito. Com uma mão, passo-lhe os dedos pelo cabelo,



enquanto lhe acaricio o pulso com a outra. De alguma forma, coisas tão banais como estar deitado a ver televisão tornaram-se quase eufóricas quando estamos assim, aninhados um no outro.

— Will? — Ela apoia-se num cotovelo e fita-me. — Posso perguntar-te uma coisa? — Passa a mão pelo meu peito e depois pousa-a sobre o meu coração.

— Faço umas doze voltas por dia na pista da universidade, mais cem abdominais duas vezes por dia — digo. Ela arqueia uma sobrancelha e eu aponto para a minha barriga. — Não ias perguntar sobre os meus abdominais?

Ela ri-se e dá-me um soco na brincadeira.

— Não, não era sobre os teus *abdominais*. — Inclina-se e beija-me a barriga. — Mas *são* bonitos, sim.

Acaricio-lhe a face e faço-a olhar para mim.

— Pergunta o que quiseres, amor.

Ela suspira, deixa descair o cotovelo e volta a deitar a cabeça na almofada, com os olhos presos no teto.

— Alguma vez te sentes culpado? — pergunta baixinho. — Por estares assim tão feliz?

Aproximo-me dela e pouso o braço sobre a sua barriga.

— Lake. Nunca te sintas culpada. Isto é exatamente o que eles haveriam de querer para ti.

Ela olha para mim e força um sorriso.

— Eu sei que sim. É só que... não sei. Se pudesse voltar atrás e desfazer tudo o que aconteceu, se pudesse tê-los de volta, fazia-o num abrir e fechar de olhos. Mas assim nunca te teria conhecido. E, por isso, às vezes sinto-me culpada, porque eu...

Encosto os dedos aos seus lábios, pressionando-os.

— *Shh* — digo. — Não penses assim, Lake. Não te deixes levar pelos «e se». — Inclino-me e beijo-lhe a testa. — Mas entendo o que sentes, se isso ajudar. Ainda assim, não adianta pensar nisso. O que está feito, está feito.

Ela pega-me na mão e entrelaça os dedos nos meus. Depois leva a minha mão aos lábios, beijando-me as costas da mão.

— O meu pai ter-te-ia adorado.

— E a minha mãe ter-te-ia adorado a *ti* — digo.

Ela sorri.

— Só mais uma coisa sobre o passado e prometo que depois não falo mais nisso. — Olha para mim com um sorriso algo maléfico no rosto. — Ainda bem que aquela cabra da Vaughn te deu com os pés.

Rio-me.

— Podes crer.

Ela sorri, solta os meus dedos e vira-se de frente para mim na cama, com o olhar preso no meu. Levo a palma da mão dela até à minha boca e beijo-lha.

— Achas que te terias casado com ela?

Rio-me e reviro os olhos.

— A sério, Lake? Queres mesmo falar disso agora?

Ela sorri timidamente para mim.

— Só estou curiosa. Nunca falámos muito sobre o passado. E agora que sei que não vais a lado nenhum, sinto-me mais à vontade para falar desse assunto. Além disso, há tantas coisas que quero saber sobre ti — diz. — Tipo, como é que te sentiste quando ela te deixou daquela maneira?

— É um tema estranho para se trazer à baila em plena lua de mel.

Ela encolhe os ombros.

— Só quero saber tudo sobre ti. Já sei o teu futuro, agora quero conhecer o teu passado. Além do mais — sorri —, ainda temos umas horinhas livres até as tuas energias estiverem totalmente recarregadas. Que mais é que podemos fazer?

Estou demasiado exausto para me mexer, e, por mais que finja que não estou a contar, nove vezes em vinte e quatro horas já deve constituir um recorde. Viro-me de barriga para baixo, enfio uma almofada debaixo do queixo e começo a contar-lhe a minha história.

A separação

— Boa noite, Caulder. — Apago a luz na esperança de que ele não volte a sair da cama. É a nossa terceira noite juntos cá em casa. Ontem à noite, ele estava com tanto medo de dormir sozinho, que acabei por deixá-lo dormir comigo. Espero que não se torne um hábito, mas compreenderia perfeitamente se isso acontecesse.

Ainda não consigo compreender tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas, muito menos as decisões que tomei. Espero estar a fazer o que é certo. Sei que os meus pais querem que fiquemos juntos, mas duvido que aprovem a minha decisão de desistir da bolsa de estudos para tornar isso possível.

Porque é que continuo a falar deles no presente?

Isto vai mesmo exigir uma adaptação. Dirijo-me ao quarto e deixo-me cair na cama. Estou tão exausto que nem chego a esticar o braço para desligar a luz do candeeiro.

Mal fecho os olhos, ouço uma leve batida na porta do meu quarto.

— Caulder, vais ficar bem. Volta para a cama — digo, arrastando-me novamente dos lençóis para convencê-lo a voltar para o seu quarto. Consegui dormir sozinho durante sete anos; sei que é capaz de voltar a fazê-lo.

— Will? — A porta abre-se e a Vaughn entra no quarto. Nem sequer sabia que cá vinha hoje, mas ainda bem que o fez. Até parece que sabe quando preciso mais da sua presença. Vou ter com ela, fecho a porta atrás de nós e envolvo-a nos meus braços.

— Olá — digo. — O que é que estás aqui a fazer? Pensava que regressavas hoje ao campus.

Ela pousa as mãos nos meus antebraços e afasta-se ligeiramente, com o sorriso mais triste que já lhe vi. Depois vai sentar-se na beira da cama, evitando olhar-me nos olhos.

— Temos de falar.

A expressão no seu rosto deixa-me arrepiado. Nunca a tinha visto tão perturbada. Sento-me imediatamente na cama ao seu lado, pego-lhe na mão, levo-a aos meus lábios e beijo-a.

— O que se passa? Estás bem? — Afasto-lhe uma madeixa de cabelo solta do rosto e prendo-lha atrás da orelha, no momento em que as lágrimas começam a cair-lhe pelo rosto. Envolvero-a nos meus braços e puxo-a para o meu peito. — Vaughn, diz-me o que se passa. Fala comigo.

Ela não diz nada. Continua a chorar, por isso deixo que o faça. Às vezes, é só disso que as raparigas precisam: chorar. Quando as lágrimas finalmente acalmam, endireita-se e pega-me nas mãos, mas continua sem me olhar nos olhos.



— Will... — Faz uma pausa. A maneira como diz o meu nome, o tom da sua voz... deixa-me o coração apertado e faz-me entrar em pânico. Ela olha para mim, mas é incapaz de sustentar o olhar, por isso vira a cara.

— Vaughn? — digo com hesitação, na esperança de estar a interpretá-la mal. Levo a mão ao seu queixo e obrigo-a a olhar para mim. Percebe-se claramente o medo na minha voz quando falo. — O que é que estás a fazer, Vaughn?

Quase parece aliviada por eu ter percebido o que está prestes a dizer. Abana a cabeça.

— Desculpa, Will. Desculpa mesmo, mas não consigo continuar com isto.

As suas palavras atingem-me como uma tonelada de tijolos. *Isto?* Já não consegue continuar com *isto*? Em que momento é que passámos a *isto*? Não respondo. Que raio é que se responde nesta situação?

Pela minha atitude, ela apercebe-se de que estou em choque, por isso aperta-me as mãos e sussurra:

— Desculpa.

Afasto-me e levanto-me, virando-lhe as costas. Passo as mãos pelo cabelo e respiro fundo. A raiva que cresce dentro de mim junta-se às lágrimas que me recuso a permitir que veja.

— Não estava à espera de uma situação destas, Will. Sou muito jovem para ser mãe. Não estou preparada para este tipo de responsabilidade.

Isto está mesmo a acontecer. Ela está mesmo a acabar comigo. Ainda só passaram duas semanas desde que os meus pais morreram e ela já está a partir-me o coração outra vez? Que tipo de pessoa é que *faz* uma coisa destas?

Ela não está a pensar com clareza. Deve ser do choque... só pode ser isso. Viro-me e encaro-a, sem me importar que veja o quanto isto me está a afetar.

— Eu também não estava à espera de nada disto — digo.
— Está tudo bem, estás só assustada. — Volto a sentar-me ao seu lado na cama e puxo-a para mim. — Não te estou a pedir que sejas mãe dele, Vaughn. Não te estou a pedir que sejas *nada* neste momento. — Abraço-a ainda com mais força e beijo-lhe a testa, um gesto que faz com que recomence a chorar. — Não faças isto — sussurro-lhe contra o cabelo. — Não me faças isto. Não agora.

Ela desvia o rosto.

— Se não o fizer agora, nunca mais conseguirei fazê-lo.

Ela levanta-se e tenta afastar-se, mas puxo-a para mim e envolvo-a pela cintura, encostando a cabeça à sua barriga.

— *Por favor.*

Ela afaga-me o cabelo e o pescoço, depois inclina-se e beija-me o topo da cabeça.

— Sinto-me horrível, Will — murmura. — *Horrível.* Mas não vou viver uma vida para a qual não estou preparada só porque sinto pena de ti.

Encosto a testa à sua camisola e fecho os olhos, absorvendo as suas palavras.

Ela sente *pena* de mim?

Solto os meus braços que a envolvem e faço pressão contra o seu ventre. Ela baixa as mãos e dá um passo atrás. Depois levanto-me e dirijo-me à porta do quarto, deixando-a aberta para que ela perceba que está na hora de se ir embora.

— Se há coisa de que não preciso é da tua piedade — digo, olhando-a nos olhos.

— Will, não... — implora. — Por favor, não fiques zangado comigo. — Está a olhar para mim com os olhos marejados de lágrimas. Quando chora, os seus olhos ganham um tom azul profundo e brilhante. Costumava dizer-lhe que eram da cor do mar. Neste momento, olhar para os seus olhos quase me faz *odiar* o mar.

Viro-lhe as costas e agarro os dois lados da porta, encostando a testa à madeira. Fecho os olhos e tento conter-me. Parece que a pressão, o stress, as emoções que se têm acumulado nas últimas duas semanas... Sinto que estou prestes a explodir.

Ela pousa gentilmente a mão no meu ombro, numa tentativa de me consolar. Encolho os ombros, afastando-lhe a mão, e viro-me novamente para ela.

— *Duas semanas*, Vaughn! — grito. Apercebo-me de que estou a falar muito alto, por isso baixo a voz e aproximo-me dela. — Eles morreram há duas semanas! Como é que consegues pensar só em *ti* neste momento?

Ela passa por mim para transpor a porta, em direção à sala de estar. Vou atrás dela. Agarra na mala que está em cima do sofá e encaminha-se para a porta da rua. Abre-a e vira-se para mim antes de sair.

— Um dia ainda me vais agradecer por isto, Will. Sei que agora não parece, mas um dia vais perceber que estou a fazer o que é melhor para nós.

Quando se vira para sair, grito-lhe:

— O que é melhor para *ti*, Vaughn! Estás a fazer o que é melhor para *ti*!

Assim que a porta se fecha atrás dela, desabo. Corro para o meu quarto, bato com a porta com força, viro-me

e começo a dar-lhe socos, cada vez com mais intensidade. Quando deixo de sentir a mão, fecho os olhos com força e encosto a testa à madeira da porta. Já tive tanta coisa para digerir nestas duas últimas semanas que nem sei como lidar com isto também.

Mas que diabo aconteceu à minha *vida*?

Acabo por voltar para a cama e sento-me com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça enterrada entre as mãos. A minha mãe e o meu pai sorriem para mim a partir da moldura na mesa de cabeceira, vendo-me desmoronar. Observam enquanto o peso de tudo o que aconteceu nestas últimas duas semanas me vai dilacerando aos poucos.

Porque é que não estavam mais preparados para uma coisa destas? Porque é que arriscariam deixar-me com toda esta responsabilidade em cima? A sua falta de preparação custou-me a bolsa de estudos, o amor da minha vida e, quem sabe, todo o meu futuro. Pego na fotografia e cubro a imagem deles com os polegares. Com toda a força que tenho, pressiono o vidro da moldura até o ouvir estalar sob os meus dedos. Quando finalmente se estilhaça — tal como a minha vida —, recuo e atiro-a com toda a força contra a parede à minha frente. A moldura parte-se em dois ao embater na parede e a carpete fica coberta de estilhaços de vidro.

Estou prestes a apagar a luz do candeeiro quando a porta do quarto se abre novamente.

— Vai-te embora, Vaughn. *Por favor.*

Ao erguer os olhos, vejo o Caulder parado à porta. Está a chorar. Parece apavorado. É o mesmo olhar que já lhe vi tantas vezes desde o dia em que os nossos pais morreram.



O mesmo olhar que tinha quando me despedi dele no hospital e o vi ir-se embora com os nossos avós. O mesmo olhar que me parte o coração de cada vez que o vejo.

É um olhar que me traz imediatamente de volta à realidade.

Limpo as lágrimas dos olhos e faço-lhe sinal para que se aproxime. Quando o faz, envolvo-o nos meus braços e puxo-o para o meu colo, abraçando-o enquanto ele chora silenciosamente contra a minha camisola. Balanço-o para a frente e para trás e afago-lhe o cabelo. Depois dou-lhe um beijo na testa e aperto-o com mais força.

— Queres dormir comigo outra vez esta noite, campeão?

2

A lua de mel

— Bolas! — diz a Lake, incrédula. — Que cabra egoísta.

— Pois. E ainda bem — digo, cruzando as mãos atrás da cabeça e olhando para o teto, imitando a posição da Lake na cama. — Engraçado como a história quase se repetiu.

— Como assim?

— Se vires bem, a Vaughn acabou a relação porque não queria ficar comigo só por pena. E *tu* acabaste comigo porque achavas que eu estava contigo por pena.

— Eu não acabei contigo — diz ela, na defensiva.

Rio-me e sento-me na cama.

— Ah, não? Tu disseste, e passo a citar: *Não me interessa se vais demorar dias, semanas ou meses*. Isso é uma separação.

— Não é nada. Estava a dar-te tempo para pensar.

— Tempo esse de que eu não precisava. — Deito-me de novo na almofada e viro-me para ela. — A mim pareceu-me mesmo uma separação.

— Pois — diz ela, fitando-me. — Às vezes, duas pessoas têm de se separar para perceberem o quanto precisam uma da outra.

Pego-lhe na mão e coloco-a entre nós, acariciando-a com o polegar.

— Não vamos voltar a separar-nos — sussurro.

Ela olha-me nos olhos.

— Nunca mais.

A forma como me fita em silêncio revela uma certa vulnerabilidade. Os seus olhos percorrem o meu rosto e os seus lábios curvam-se num leve sorriso. Ela não diz nada, mas também não precisa. Sei que, nestes momentos em que estamos só nós os dois e não há mais nada, ela me ama verdadeiramente, com toda a sua alma.

— Como foi quando me viste pela primeira vez? — pergunta. — O que é que viste em mim que te fez querer convidar-me para sair? E quero que me contes tudo, até os pensamentos maus.

Rio-me.

— Não tive pensamentos maus sobre ti. *Marotos*, talvez. Maus, não.

Ela sorri.

— Nesse caso, quero que me contes esses também.

Como tudo começou

Seguro o telefone junto ao ouvido com o ombro e acabo de abotoar a camisa.

— Prometo, avó — digo ao telefone. — Vou diretamente para aí depois do trabalho na sexta-feira. Chegaremos por volta das cinco, mas agora estamos atrasados, tenho de desligar. Ligo-te amanhã.

Ela despede-se e eu desligo o telefone. O Caulder atravessa a sala com a mochila pendurada ao ombro e um capacete militar verde de plástico na cabeça. Está sempre a tentar levar acessórios aleatórios para a escola. Na semana passada, quando o fui levar lá, só depois de ele ter saído do carro é que reparei que estava a usar um coldre.

Estico o braço, arranco-lhe o capacete da cabeça e atiro-o para o sofá.

— Caulder, vai para o carro. Tenho de ir buscar as minhas coisas.

O Caulder sai e eu apresso-me a apanhar os papéis espalhados pelo balcão. Estive a corrigir testes até depois da meia-noite. Só estou a dar aulas há oito semanas, mas já começo a perceber porque é que há falta de professores. Enfio a pilha de papéis na pasta, coloco-a na mochila e saio de casa.

— *Espetacular* — resmungo, assim que vejo a carrinha de mudanças da U-Haul a fazer marcha-atrás do outro lado da rua. É a terceira família a mudar-se para aquela casa em menos de um ano. Não me apetece mesmo nada estar a ajudar mais ninguém a mudar de casa, principalmente depois de só ter dormido quatro horas. Espero que acabem de descarregar tudo antes de eu voltar, senão vou sentir-me na obrigação de dar uma mãozinha. Dou meia-volta e tranco a porta atrás de mim, seguindo rapidamente para o carro. Quando abro a porta, reparo que o Caulder não está lá dentro. Solto um gemido e atiro as minhas coisas para o banco. Ele tem sempre a péssima ideia de brincar às escondidas nos momentos mais inoportunos. Já estamos dez minutos atrasados.



Dou uma vista de olhos ao banco de trás, na esperança de que esteja escondido no chão como da última vez, mas avisto-o na rua, a rir e a brincar com outro miúdo mais ou menos da mesma idade que ele. *Sempre é um ponto positivo.* Talvez me dê um pouco mais de descanso, tendo um vizinho novo para brincar.

Estou prestes a chamá-lo quando a carrinha de mudanças me chama de novo a atenção. A rapariga que está sentada ao volante não deve ser mais velha do que eu, mas está toda confiante a fazer marcha-atrás sem qualquer ajuda. Encosto-me à porta do carro e decido ficar a observar a manobra em torno daqueles gnomos todos. Deve ser uma coisa digna de se ver.

Engano-me redondamente, porque ela estaciona na perfeição num abrir e fechar de olhos. Em vez de sair do carro e ir verificar se a carrinha ficou bem estacionada, desliga o motor, baixa o vidro e apoia a perna no tablier.

Não sei porque é que estes pequenos atos me parecem tão estranhos. Na verdade, *intrigantes*. Ela bate com os dedos no volante, depois leva a mão ao cabelo e desfaz o rabo de cavalo. O cabelo cai-lhe sobre os ombros e ela massaja o couro cabeludo, soltando-o por completo ao sacudi-lo.

Valha-me Deus!

O seu olhar recai sobre os miúdos que brincam na rua entre nós e, antes que me consiga conter, a curiosidade já está a ganhar terreno. Será irmã dele? Mãe? Não parece ter idade para ser mãe de um miúdo daquela idade, mas estou demasiado longe para ver com clareza. E porque é que se deixou ficar sentada na carrinha de mudanças?

Dou-me conta de que estou a fitá-la há vários minutos, quando um jipe estaciona ao lado dela.

Espero que não seja um homem, sussurro em voz alta para mim mesmo, na esperança de que não seja o namorado. Ou pior, o *marido*.

Mas o que é que isso me importa? A última coisa de que preciso agora é de uma distração. Principalmente de alguém que mora do outro lado da rua.

Suspiro de alívio quando percebo que quem sai do jipe é uma mulher mais velha e não um homem. Talvez seja a mãe. A mulher fecha a porta e aproxima-se para cumprimentar o senhorio, que está à entrada da casa. Antes mesmo de me conseguir convencer a desistir da ideia, já estou a atravessar a rua. Afinal, parece que hoje até estou com vontade de ajudar alguém com as mudanças. Atravesso a estrada, incapaz de tirar os olhos da miúda na carrinha. Ela está a observar o Caulder e o outro miúdo a brincar, e não olhou na minha direção uma única vez. Não sei o que é que há nela que tanto me atrai. Mas aquela expressão no seu rosto... parece triste. E, por algum motivo, isso incomoda-me.

Sem dar nas vistas, fico parado do lado do passageiro da carrinha de mudanças, a fitá-la através da janela, quase em transe. Não estou a olhar especado para ela por ser bonita, embora o seja. É aquele olhar. A sua *profundidade*. Quero saber o que lhe vai na alma.

Não, *preciso* de saber o que lhe vai na alma.

Ela desvia o olhar para fora da janela e diz qualquer coisa aos rapazes, abrindo em seguida a porta para sair. Percebo, subitamente, que pareço um perfeito idiota ali parado na entrada a olhar para ela. Lanço um olhar para a minha casa do outro lado da rua, a pensar se ainda vou a tempo de fugir discretamente antes que ela me veja. Mas não tenho



hipótese. O Caulder e o outro miúdo aparecem a correr à volta da carrinha e esbarram em mim, às gargalhadas.

— Ela é um *zombie*! — grita o Caulder, enquanto os agarro pelas camisolas. A rapariga dá a volta à carrinha e não consigo deixar de me rir. Vem de cabeça inclinada para o lado e persegue-os a andar de pernas rígidas.

— Apanhei-os! — grito-lhe. Eles tentam dar luta para conseguir fugir, por isso reforço o meu aperto. Olho para ela e os nossos olhares cruzam-se.

Uau. Que *olhos*! São do tom de verde mais incrível que já vi. Tento associar a cor a qualquer coisa, mas não me ocorre nada. São tão únicos que parecem ter inventado a sua própria tonalidade.

Estudo-lhe as feições e chego à conclusão de que não pode ser a mãe do miúdo. Ela parece ter a minha idade. No mínimo, terá uns 19 ou 20 anos. Preciso de descobrir o nome dela. Se souber o seu nome, posso procurar o seu perfil no Facebook e ver se está solteira.

Pelo amor de Deus. Isto é mesmo a última coisa de que preciso. Uma *paixoneta*.

Tenho a sensação de que ela percebe aquilo em que estou a pensar, por isso desvio o olhar. O miúdo aproveita o meu momento de distração e usa-o a seu favor. Consegue libertar-se e ataca-me com uma espada imaginária, o que me faz olhar para a rapariga e articular um «socorro» com os lábios.

Ela grita «Cérebros!» e atira-se ao Caulder, fingindo mordê-lo na cabeça. Faz-lhes cócegas até caírem os dois no chão de cimento, derretidos às gargalhadas. Depois, endireita-se e recomeça a rir. As suas faces coram quando

os nossos olhares se cruzam de novo e ela contorce os lábios numa careta desconfortável, como se tivesse ficado envergonhada repentinamente. Mas esse desconforto rapidamente desaparece e dá lugar a um sorriso que me faz desejar saber cada pequeno detalhe sobre ela.

— Olá, sou o Will — digo, estendendo-lhe a mão. — Moramos do outro lado da rua. — Ela aperta-me a mão. É suave e fria, e o seu toque provoca-me um arrepio que me percorre o corpo todo. Já nem me lembro da última vez que uma rapariga teve um efeito tão imediato em mim. Deve ser por ter dormido mal ontem à noite, só pode.

— Sou a Layken — responde, o seu desconforto uma vez mais a mascarar o seu sorriso. — Acho que... moro *aqui*. — Lança um olhar à casa atrás de si, e depois torna a olhar para mim.

Não parece nada satisfeita com o facto de viver «aqui». A mesma expressão que tinha enquanto estava sentada ao volante do camião de mudanças volta a tomar conta do seu rosto, e os olhos dela parecem repentinamente ainda mais tristes. Porque é que aquele olhar me afeta tanto?

— Então, bem-vinda a Ypsilanti — digo, num impulso de querer desesperadamente apagar-lhe aquele semblante. Ela olha para o chão e eu dou-me conta de que ainda estou a apertar-lhe a mão de forma constrangedora, por isso solto-a de imediato e enfio as mãos nos bolsos do casaco. — De onde é que vieram?

— Do Texas? — responde.

Porque é que o diz como se fosse uma pergunta? Será que fiz uma pergunta idiota? Fiz, sim. Estou a fazer conversa de circunstância.



— Texas, hein? — pergunto. Ela acena com a cabeça, mas não acrescenta mais nada. De repente, sinto-me o vizinho intrometido. Não faço ideia do que dizer para não tornar o momento ainda mais constrangedor, por isso acho que o melhor é mesmo retirar-me. Baixo-me para pegar no Caulder pelos pés, atiro-o por cima do ombro e digo-lhe que tenho de o levar à escola.

— Esta noite vai haver uma frente fria. Deviam tentar descarregar o máximo que conseguirem antes disso. Vai durar uns dias, por isso, se precisarem de ajuda para descarregar durante a tarde, avisem. Devemos estar em casa por volta das quatro.

Ela dá de ombros.

— Claro, obrigada.

Há um leve sotaque sulista nas suas palavras. Só agora percebi o quanto gosto de sotaques do Sul. Continuo a atravessar a rua e ajudo o Caulder a entrar no carro. Enquanto ele se acomoda no banco, olho para trás, para o outro lado da rua. O miúdo está a espetar-lhe uma espada nas costas e ela solta um grito falso e cai de joelhos. A forma como brinca com ele é outra coisa que me intriga nela. Depois de ele pular para as suas costas, ela olha para cima e apanha-me a observá-la. Fecho a porta do Caulder e vou para o lado do condutor. Antes de entrar, esboço um sorriso e aceno, e depois entro no carro com uma vontade absurda de dar um soco a mim mesmo.

Assim que dá o toque para o terceiro tempo, tiro a tampa ao meu café e despejo mais dois pacotinhos de açúcar. Vou precisar. Há qualquer coisa em alguns dos alunos

da terceira aula que me irrita. Sobre tudo o Javier. Aquele miúdo é mesmo um idiota.

— Bom dia, professor Cooper — diz a Eddie ao sentar-se. Está tão alegre como sempre. Agora que penso nisso, nunca a vi de mau humor. Tenho de descobrir o seu segredo, já que o café hoje não está a funcionar comigo.

— Bom dia, Eddie.

Ela vira-se, dá um beijo na bochecha do Gavin e acomoda-se na secretária. Começaram a namorar pouco depois de eu ter terminado o curso. São provavelmente as únicas duas pessoas que *não* me irritam nesta turma. Bem, eles e talvez o Nick. O Nick parece ser fixe.

Assim que todos os alunos estão sentados, peço-lhes que abram os livros. Passo a aula inteira a falar sobre os elementos da poesia, mas a minha mente está constantemente a divagar para a nova vizinha.

Layken.

Gosto do nome.

Após seis horas e apenas umas quantas dezenas de pensamentos sobre a nova vizinha, eu e o Caulder finalmente estacionamos à entrada de casa. Fecho a porta do carro e abro a de trás para tirar uma caixa com papéis. Quando me viro, dou de caras com o irmão mais novo da Layken, que apareceu do nada e está parado à minha frente, a encarar-me em silêncio. Parece estar à espera de que me apresente. Passam-se vários segundos sem que mexa um músculo ou sequer pisque os olhos. Estamos num impasse? Mudo a caixa para o braço esquerdo e estendo-lhe a mão.



— Sou o Will.

— Kel é nome meu o — diz.

Fico a olhar para ele, sem reação. *Aquilo é língua de gente?*

— Eu consigo falar ao contrário — diz ele, explicando a mescla de palavras que acabaram de lhe sair da boca. — Assim. Contrário ao falar consigo eu.

Interessante. Alguém possivelmente mais estranho do que o Caulder? Nunca pensei que fosse possível.

— Kel... prazer um é... conhecer-te — digo, mais devagar do que ele. Ele sorri e corre para o outro lado da rua com o Caulder. Espreito para a casa deles e vejo que o camião de mudanças já está estacionado na rua, com a bagageira fechada. Fico desiludido por já terem descarregado tudo; estava mesmo com vontade de ajudar.

Passo o resto da tarde a trabalhar fora de horas sem receber... outra consequência da carreira de professor. Depois do duche, faço um desvio pela sala só para espreitar para o outro lado da rua pela décima vez, mas não a vejo.

— Porque é que estás sempre a espreitar pela janela? — pergunta o Caulder atrás de mim.

Sobressalto-me ao ouvir a sua voz e fecho bruscamente a cortina da sala. Nem me tinha apercebido de que ele estava sentado no sofá. Aproximo-me dele, puxo-o pela mão e empurro-o em direção ao corredor.

— Vai-te deitar — digo.

Ele dá meia-volta antes de fechar a porta do quarto atrás de si.

— Estavas a ver se vias aquela rapariga, não era? Gostas da irmã do Kel?

— Boa noite, Caulder — respondo, ignorando a pergunta.

Ele abre um sorriso rasgado e fecha a porta. Antes de seguir para o meu quarto, volto à janela mais uma vez. Ao abrir ligeiramente a cortina, vejo alguém à janela do outro lado da rua, com as cortinas somente entreabertas. De repente, fecha-as bruscamente, e eu não consigo evitar sorrir. Estará ela tão curiosa sobre mim como eu estou sobre ela?

— Está frio, está frio, está frio, está frio, está frio — repete o Caulder, a saltitar enquanto tento destrancar as portas do carro. Ligo o motor e aumento o aquecimento, voltando depois a casa para ir buscar o resto das minhas coisas, enquanto ele espera no carro. Quando abro a porta para voltar a sair, fico paralisado ao ver a Layken à entrada da sua casa. Baixa-se, apanha um punhado de neve e observa-o por um instante, antes de o deixar cair. Depois endireita-se e sai, fechando a porta atrás de si. Abano a cabeça, já a prever o que aí vem. Está a nevar e ela nem sequer se deu ao trabalho de vestir um casaco por cima do pijama. Não sei qual é a sua ideia, mas não vai aguentar muito tempo na rua. Já não está no Texas. Ela começa a caminhar até ao caminho de acesso à sua casa e é então que reparo nos seus pés.

Ela está de chinelos? A sério? Antes que consiga sequer avisá-la, já ela está estatelada no chão.

Estes sulistas *nunca* aprendem.

De início, ela não se mexe. Fica ali deitada no caminho de acesso, com o olhar fixo no céu. Sou tomado por uma onda de pânico, com medo de que se tenha magoado, mas ela começa logo a levantar-se. Por mais que não queira



parecer um idiota trapalhão outra vez, atravesso a rua para me certificar de que está bem.

A expressão que o seu rosto adquire quando tira um dos gnomos de debaixo de si faz-me rir. Quase parece estar a culpar o pobre coitado pela sua queda. Ela puxa o braço atrás para o arremessar, mas eu impeço-a.

— Se fosse a ti não fazia isso! — grito, subindo o caminho de acesso até à casa dela. Ela inclina a cabeça para cima e olha para mim, ainda a agarrar o gnomo com força. — Estás bem? — pergunto, ainda a rir. Não consigo evitar, está com um ar tão furioso!

Ela cora e desvia o olhar.

— Vou sentir-me muito melhor depois de partir esta coisa.

Chego ao pé dela e tiro-lhe o gnomo das mãos.

— Não queiras fazer isso. Os gnomos dão sorte.

Volto a colocar o gnomo ferido no seu lugar antes que ela o parta de vez.

— Sim — diz, inspecionando o ombro. — Uma sorte tremenda.

Sinto-me imediatamente culpado quando vejo que tem sangue na camisola.

— Oh, meu Deus, desculpa! Não me estaria a rir se soubesse que estavas ferida. — Ajudo-a a levantar-se e vejo melhor a quantidade de sangue que sai do ferimento. — Tens de pôr uma ligadura nisso.

Ela lança um olhar em direção à sua casa e abana a cabeça.

— Não faço ideia de onde encontrar uma ligadura nesta casa.

Olho de relance para a minha casa, sabendo que tenho um estojo de primeiros socorros bem abastecido. Contudo, hesito em oferecê-lo, pois já estou atrasado para o trabalho.

Estou a olhar para a minha casa, a debater-me com a minha indecisão, quando todos os meus cinco sentidos são subitamente invadidos pelo mais leve aroma a baunilha que permeia o ar à minha volta... o som do sotaque dela quando fala... a forma como a sua proximidade desperta algo em mim que há muito estava adormecido. *Cum caraças!* Estou tramado.

O trabalho pode esperar.

— Tens de vir comigo. Temos algumas na cozinha. — Tiro o casaco e coloco-o sobre os ombros dela, ajudando-a de seguida a atravessar a rua. Tenho a certeza de que consegue andar sozinha, mas por alguma razão não quero largar-lhe o braço. Gosto de ajudá-la. Gosto da forma como se encosta a mim. Sabe... *bem*.

Já dentro de casa, ela segue-me pela sala em direção à cozinha, para procurar um curativo. Tiro o estojo de primeiros socorros do armário e procuro material para fazer um penso. Quando olho para ela, vejo-a a observar as fotografias penduradas na parede. As fotografias dos meus pais.

Por favor, não perguntes. Por favor.

Não é o tipo de conversa que queira ter agora. Digo rapidamente qualquer coisa, na esperança de desviar a sua atenção das fotografias.

— O corte precisa de ser limpo antes de pões a ligadura.

Arregaço as mangas, abro a torneira e molho o guardanapo. Dou por mim a demorar-me, mesmo sabendo que devia estar a despachar-me. Por alguma razão, só quero



prolongar este momento com ela. Não sei porquê, mas a vontade de a conhecer melhor parece ter-se transformado numa *necessidade*. Quando me viro de novo, ela desvia o olhar. Não percebo bem o porquê do embaraço repentino, mas só a torna ainda mais encantadora.

— Está bem assim — diz, agarrando no guardanapo.

— Eu trato disso.

Estendo-lhe o guardanapo e tiro uma ligadura. Enquanto abro a embalagem, instala-se um silêncio constrangedor. Por alguma razão, a presença dela deixa a casa estranhamente vazia e silenciosa. Nunca reparo no silêncio quando estou sozinho, mas a ausência de conversa neste momento é desconfortavelmente óbvia. Tento puxar assunto para preencher o vazio de alguma forma.

— O que estavas a fazer lá fora em pijama às sete da manhã? Ainda estão a descarregar as coisas?

Ela abana a cabeça e atira o guardanapo para o caixote do lixo.

— Café — diz, com um ar determinado.

— Ah. Suponho que não sejas uma pessoa matinal — comento, na esperança de que seja esse o caso. Parece um bocado irritada. Prefiro acreditar que é falta de cafeína e não uma manifestação de indiferença em relação a mim. Dou um passo em frente, aproximando-me para lhe poder fazer o curativo no ombro. Faço uma breve pausa antes de lhe tocar e respiro fundo em silêncio, preparando-me para a onda de emoção que me invade sempre que lhe toco. Faço o penso com cuidado e pressiono suavemente os cantos com as pontas dos dedos. A sua pele estremece e ela cruza os braços, esfregando os antebraços.

Deixei-a arrepiada. Isso é bom.

— Pronto — digo, dando uma última palmadinha desnecessária no penso. — Estás como nova.

Ela pigarreia.

— Obrigada — diz, levantando-se. — E *até sou* uma pessoa matinal. *Depois* de ter tomado café.

Café. Ela precisa de café. *Eu fiz* café.

Apresso-me até à bancada, onde ainda resta um pouco de café quente na cafeteira. Tiro uma caneca do armário, encho-a e coloco-a à sua frente.

— Queres natas ou açúcar?

Ela abana a cabeça e sorri para mim.

— Gosto do café simples. Obrigada — diz. Inclino-me sobre o balcão e observo-a a levar a caneca aos lábios. Sopra suavemente o vapor antes de encostar a boca à borda da chávena e beber um gole, sem desviar o olhar do meu.

Nunca na vida desejei tanto ser uma caneca de café.

Mas *porque* é que tenho de ir *trabalhar*? Era capaz de ficar aqui o dia todo só a vê-la beber café. Ela continua a olhar para mim, provavelmente a tentar perceber por que raio a observo tanto, por isso endireito-me e olho para o relógio.

— Tenho de ir. O meu irmão está à espera no carro e eu preciso de ir para o trabalho. Acompanho-te até casa. Podes ficar com a chávena.

Ela baixa os olhos para a chávena e lê o que está lá escrito. Nem me tinha apercebido de que lhe tinha dado a caneca do meu pai. Passa os dedos pelas letras e sorri.

— Eu fico bem — diz, levantando-se. — Acho que já dominei a arte de andar direita. — Atravessa a sala e está



a abrir a porta da frente quando reparo que tenho o casaco pousado nas costas do sofá. Estico o braço para pegar nele.

— Layken, leva isto. Está frio lá fora. — Ela tenta recusar, mas eu abano a cabeça e insisto. Se ela levar o casaco, terá de vir devolvê-lo, pelo menos é nisso que estou a apostar. Ela sorri, coloca o meu casaco sobre os ombros e atravessa a estrada.

Quando chego ao carro, viro-me para a ver voltar para casa. Gosto de a ver assim, com o meu casaco vestido e o pijama por baixo. Quem diria que pijamas e chinelos do Darth Vader podiam ser tão sexy?

— Layken! — grito, mesmo antes de ela chegar à porta de casa. Ela volta-se. — Que a Força esteja contigo! — digo, a rir-me, entrando no carro antes que ela tenha tempo de responder.

— Porque é que demoraste tanto? Estou a m-m-morrer de frio! — queixa-se o Caulder.

— Desculpa — digo. — A Layken magoou-se. — Faço marcha-atrás e saio para a estrada.

— O que é que aconteceu? — pergunta.

— Tentou andar no cimento gelado com uns chinelos do Darth Vader. Escorregou e cortou-se.

O Caulder solta uma gargalhada.

— Ela tem uns chinelos do Darth Vader?

Sorrio para ele.

— Já viste?!

NUMA HISTÓRIA DE AMOR HÁ SEMPRE DOIS LADOS. ESTE É O DE WILL.

O amor de Layken e Will foi capaz de ultrapassar todos os obstáculos, e o jovem casal começa finalmente a desfrutar da segurança e serenidade da sua união. Mas por mais que esteja a adorar a sua nova vida de casada, Layken sente que ainda existem algumas lacunas por preencher no que respeita à história de uma relação com tantos percalços.

Embora Will prefira manter as memórias mais dolorosas no passado, não consegue resistir aos pedidos de Layken e aceita revelar o seu lado da história. Durante a lua de mel, expõe-lhe pela primeira vez os seus pensamentos mais íntimos, partilhando com ela os bons e os maus momentos e confessando-lhe tudo o que sentiu desde o dia em que a conheceu.

Só que Layken não estava preparada para certas revelações, e agora o futuro dos dois depende do modo como irão conseguir lidar com o seu próprio passado.

NÃO PERCA, DA MESMA COLEÇÃO:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-985-8



9

789895 839858